

NA ESPREITA DA LINGUAGEM: MILTON HATOUM, CRONISTA

HATOUN, Milton. *Um solitário à espreita*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2013.

Aídes José Gremião Neto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

No ano de 2013, chegou ao mercado o primeiro conjunto de crônicas reunidos num só volume do escritor amazonense Milton Hatoum. Neste seu mais recente livro intitulado *Um solitário à espreita*, Hatoum (2013) nos traz um recorte de suas crônicas que, de maneiras distintas, materializam as diferentes facetas de seu projeto literário. Hatoum é hoje um escritor renomado e estreou com êxito no cenário literário brasileiro no ano de 1989, com seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*. Esta obra lhe rendeu o prêmio Jabuti de melhor romance e abriu o caminho para sua consolidação no campo literário. Desde então, o autor vem conquistando seu espaço no campo intelectual e literário nas malhas da ficção brasileira contemporânea, publicando em 2000, o romance *Dois irmãos*, e, em 2005, *Cinzas do Norte*. Em 2008, lançou *Órfãos do Eldorado*, sem contar o volume de contos intitulado *A cidade ilhada*, no ano de 2009.

No que se refere à produção de crônicas, Hatoum vem publicando em diversos suportes ao longo de sua carreira. Entre os anos de 2005 e 2007, teve crônicas publicadas na extinta revista *Entrelivros*. Em seguida publicou no site *Terra Magazine* e, desde então, vem publicando regularmente no jornal *O Estado de São Paulo*. É da reunião dessa modalidade de escrita (a crônica) que *Um solitário à espreita* se constitui.

Esta coletânea oferece ao leitor uma parcela da cronística hatouniana que, assim como em sua prosa romanesca, prima uma linguagem lapidada

e bem trabalhada, assinalando o gosto do escritor pelo ornamento da palavra. Podemos dizer que, analisadas em conjunto com os romances do escritor, essas crônicas amalgamam o vetor norteador do projeto literário de Hatoum: reescrever histórias reais e ficcionais sob o crivo da memória e, assim, promover uma abertura da história e das possibilidades estéticas que surgem frente a uma escrita autoreflexiva. Além disso, há outra relação subjacente a estas e que não poderiam deixar de serem mencionadas: a escrita de si, em linhas tortas que nada revelam da vida empírica, mas do caminhar da própria escrita, uma espécie de poética do testemunho (testemunho perdido da infância e da juventude).

Neste viés, buscando uma síntese que norteie a presente resenha poderíamos dizer que *Um solitário à espreita* assinala as frentes temáticas principais com as quais o escritor dialoga em sua poética, construindo, portanto, um projeto literário engajado nas seguintes questões: 1) a preocupação com criação estética, o que imbrica também as relações autorais subjacentes ao processo de escrita; 2) o trato com questões de ordem existencial, na qual a ditadura militar brasileira avulta como um dos elementos principais; 3) e o diálogo com as relações culturais que perpassam os sujeitos inseridos em seu universo fictício.

Um solitário a espreita nos apresenta, em sua maioria, narradores que dialogam com os limites da memória lembrada e inventada, recuperando sempre os saberes dispostos no texto literário, aos quais Roland Barthes (2007) cunha de *mathesis* – que, ao lado da *mímesis* e da *semiosis*, constitui uma das três forças da literatura. Sendo assim, é possível dizer que as crônicas permitem pensar as relações entre a escrita e sua produção, no que tange às complexas possibilidades de posicionamento do escritor em relação ao seu projeto criador, como pensou Pierre Bourdieu (1968) e, depois, Dominique Maingueneau (2001). Vemos que, assim como o Hatoum romancista, o cronista abre uma gama de possibilidades de (re)

leituras, ao conjugar questões ligadas ao jogo ficcional, ao caráter incerto da memória e a questões de ordem existenciais. É o que vemos, por exemplo, na crônica “Um jovem, o velho e um livro” (HATOUM, 2013, pp. 184 – 187) em que o narrador, num entrelaçamento temporal impresso por sua memória, conta duas histórias que o levam a outras: a morte de um velho professor, que conhecera na infância, chamado Graça – recente ao momento da enunciação – e a morte covarde de seu amigo Alex, estudante da USP, cujo apelido é Minhoca, ocorrida no ano de 1973, que remonta ao contexto histórico da ditadura militar de 64.

Nesta narrativa, há um emaranhado de referências que nos permite supor uma aproximação entre o personagem velho, apenas no final nomeado como ‘Graça’, e a figura de Graciliano Ramos, já que aquele “(...) falava de uma infância maior que o mundo porque não era uma infância qualquer, e sim uma das mais poderosas e belas ficções autobiográficas da nossa literatura” (HATOUM, 2013, p. 185) – o narrador fala de *Infância*, obra de Graciliano Ramos. É da ligação dessa ausência de vidas que o narrador, situado em um tempo indeterminado do qual só sabemos que o bairro paulistano em que morava ainda era ‘sem prédios’, envereda pelos meandros da memória, ao mesmo tempo em que caminha, “(...)andando de volta no tempo e no espaço” (HATOUM, 2013, p.185). Ao passo que recobra o passado de sua infância, ano de 1964 em que conhecera o velho Graça, o narrador demonstra consciência estética quando, não só dialoga com *Infância* e *Vidas Secas*, mas também insere um personagem que pode ser associado ao próprio Graciliano Ramos por, no mínimo, dois fatores: seu próprio nome e a relação íntima que este velho Graça mantém com as obras mencionadas de Graciliano Ramos, assumindo, nesta crônica, uma posição próxima a de um narrador, já que há algumas passagens com a rememoração do narrador de seus discursos e considerações sobre as obras deste escritor.

O narrador, consciente das relações da memória e imerso nos dramas da(s) *Infância(s)*, propõe a seguinte referência acerca de uma das passagens do quadro “O inferno”, de *Vidas Secas*, no qual o menino dialoga com sua mãe:

Silêncio ou respostas atravessadas, incompletas. O narrador adulto percebe que a explicação hesitante não passa de uma aporia. Mas há incongruência e dúvida em tudo, pois a memória não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar. *A memória é o lugar da hesitação e da ambiguidade: o móvel da imaginação.* (HATOUM, 2013, p. 186) (Grifos nossos)

É no movimento sinuoso e dinâmico da memória que essas histórias se mutilam e interconectam na condição presente deste narrador. Através da morte de um velho conhecido da infância, este narrador autodiegético acende as áreas obscuras das lembranças de sua infância, período em que convivera com o ‘velho’ e entrara em contato com leituras caras a sua formação existencial e intelectual. A esta lembrança da infância se sucede outra: a festada qual participou para esquecer o triste ocorrido com seu amigo Alex. Há, portanto, um eixo que conecta ambas as histórias: o período que se estende de 1964 a 1973, datas passadas que, juntas, não só correspondem ao período de sua formação na infância e ao dia da missa de sétimo dia da morte de Alex, mas também a todo um período de ditadura militar vivenciado pela sociedade brasileira, cujo capítulo “Inferno” de *Vidas Secas* é alegoria.

A partir dessa característica principal presente tanto nos romances quanto nas crônicas de Hatoum, é que os narradores desse conjunto de textos articulam no jogo arguto da linguagem diversas temáticas que perpassam, desde a esfera social, política e econômica, até as discussões

voltadas para as questões da própria literatura. Esses elementos estéticos dos quais viemos falando compõem uma parte significativa do projeto literário de Milton Hatoum, estando presentes em diversas narrativas como, por exemplo, em *Cinzas do Norte* ou, mesmo nas crônicas da revista *Entrelivros* e *Terra Magazine*.

De modo geral e complementar podemos dizer ainda que, nas crônicas de *Um solitário à espreita*, vemos que o passado retorna como forma de recriação e reflexão das experiências humanas na busca do conhecimento do outro. Elas abrem um horizonte de leitura no âmbito do próprio discurso, que demanda do leitor leituras críticas acerca desses aspectos formais, estéticos e temáticos dinamizados nos enunciados do texto hatouniano.

Para ratificar, é válido elaborarmos um estudo do volume *Um solitário à espreita* (2013), voltando à crônica que abre a obra. Reeditada e publicada no livro mencionado, a crônica intitulada “Um inseto sentimental” (HATOUM, 2013, pp.11-12) tece, metaforicamente, alguns ritos da relação de produção do objeto literário por parte do autor. O narrador-escritor da crônica é incomodado por um inseto que faz “[...] apagar a ideia da crônica” e acabar com a alegria de escrevê-la, mesmo que este narrador saiba que vai “[...] reescrevê-la quatro ou sete vezes” (HATOUM, 2013, p.11). Se por um lado o inseto incomoda o narrador a ponto de ele ter que dar “adeus à ideia da crônica e à leitura de Gógol”, por outro, ao pousar numa velha fotografia de sua mãe, o faz enveredar pelos caminhos da memória e, assim, concede-lhe outra ideia, uma oriunda dos meandros de sua memória, das lembranças de sua falecida mãe, provavelmente situadas na infância. Desta maneira, o narrador finaliza o relato com a mesma construção da primeira frase da crônica: resta “[...] pegar a caneta e escrever a primeira frase da crônica, quase sempre a mais difícil [...]” (HATOUM, 2013, p.12).

Se atentarmos para os dois momentos em que esta frase aparece – no início e no fim da crônica –, podemos encarar o desenvolvimento do percurso da escrita como um ‘*rithos* de escrita’ – termo de Maingueneau

(2001) –, isto é, como um verdadeiro trabalho estético. Nesse sentido, esta crônica é uma metacrônica que, no fim, revela um movimento circular de escrita e reescrita – reescrita estética e reescrita de si, elaborada por este narrador escritor. O real e a memória, deste modo, são indissociáveis do fazer estético para esse narrador, embora não como um refletir os fatos nas palavras, mas como reflexão, reordenação e experimentação de sua própria experiência/lembranças.

Por fim, cabe salientar que os aspectos até então apontados em nossa apresentação não correspondem a um eixo temático unívoco que generalize as amplitudes significativas deste volume, mas a um apanhado geral, pautado em uma leitura crítica, dos caminhos trilhados pela maioria dos narradores hatounianos. Há algumas crônicas que destoam das características até então levantadas que, ao nosso entendimento, não poderiam ser negligenciadas da presente exposição. Bons exemplos seriam aquelas com viés mais cômico, embora com a criticidade política do narrador aguçada, como: “No jardim de delícias”, “Celebidades, personagens e bananas”, “Tarde no Pacaembu”, “Um intruso numa noite”, “Confissões de uma manicure”, “A barata romântica”, dentre outras.

Como dissemos, a presente resenha proposta por nós de *Um solitário à espreita* não almeja caracterizar-se como um estudo que abarque a riqueza temática possível de ser extraída pelos leitores e/ou estudiosos nesta obra de noventa e seis crônicas. Trata-se de uma apresentação que, em respeito ao caráter deste trabalho, finda com a esperança de, quiçá, despertar nos leitores que possivelmente não conheçam as crônicas do escritor a vontade de explorar este universo de sua construção estética, o qual se amalgama no presente livro apresentado.

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 105 – 145.
- HATOUM, Milton. *A Cidade Ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Um solitário à espreita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 17/09/15

Aceito em: 15/10/15